



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

Pronunciamento de Padre Vilson Groh durante a Sessão Solene de Outorga do Título de Doutor Honoris Causa, concedido pela Universidade do Sul de Santa Catarina – UniSul

Texto lido na noite de 09 de dezembro de 2024, no Auditório C do Campus UniSul Palhoça.

Cumprimentando o magnífico reitor, Mauri Heerdt, e o diretor Rodrigo da Silva Alves, cumprimento todas as autoridades aqui presentes e todas as pessoas que vieram para celebrar este momento. Considero este título não um título pessoal, mas um título que reconhece todo um coletivo que se materializa na Rede IVG junto ao nosso Instituto, reconhecendo também todos os territórios da Grande Florianópolis, onde os nossos pés pisam diariamente.

Sou um filho de operário que, com o suor do seu trabalho, trazia pão à mesa para onze filhos e filhas. Desde muito cedo, descobri a importância do coletivo e de assumir causas que nascem das demandas daqueles e daquelas que são destituídas de direitos. Comecei a trabalhar desde cedo, aos meus 13 anos. Com 12 anos, participava das assembleias sindicais das empresas têxteis de Brusque para manter a bolsa de estudos. Sempre mantive as raízes no mundo do trabalho de onde vim.

Dois fatos importantes sempre me marcaram. O primeiro foi quando entrei no seminário, enquanto meus pais celebravam 25 anos de casados. Fomos de bicicleta à celebração eucarística pela manhã para agradecer pelos 25 anos de casamento deles. O segundo foi no dia da minha ordenação sacerdotal, inspirada num texto bíblico de Mateus 25:35 – Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver. Em verdade vos digo que quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. – Após o término da celebração, voltamos novamente para casa, da paróquia até a comunidade onde morávamos, também de bicicleta.

Essa concepção e prática de não perder as raízes da minha identidade me acompanham e me inspiram diariamente, destacando a importância de recomeçar todos os dias com uma mística de olhos abertos, que me impulsiona a ajudar a organizar a sociedade civil e a trabalhar pela justiça social.

Não podemos naturalizar as desordens econômicas, sociais e ambientais que temos vivido há muito tempo. Essas desordens não podem mais ser toleradas nem compulsórias de uma normalidade que desejamos resgatar, como se fôssemos incapazes de construir novos caminhos. É necessário ter a convicção de que a humanidade emergirá desses desafios ao recuperar e reconhecer o outro e regenerar o meio ambiente, numa concepção de ecologia integral.

É assustador o aumento da pobreza e da desigualdade, assim como são assustadores os retrocessos nos direitos básicos de uma parcela da população. Apenas o trabalho incansável de todos nós pode fazer frente a essa realidade. Mudanças são processos; são frutos da necessidade, da consciência e da ação. Não acontecem por mística ou pela transferência de responsabilidades para entes difusos, como "o mundo", "o povo", "a sociedade" ou "as elites". Para colhermos os frutos desejados, as mudanças precisam percorrer um inevitável e natural caminho de amadurecimento.

Isso é muito mais do que uma metáfora. É a lembrança de que somos parte indissociável da natureza e que tê-la como conselheira, em tão delicado processo, vai além de uma poesia de ocasião. É amparar-se na sabedoria da mãe natureza em seus mais profundos sentidos.



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

Sabemos que as mudanças seguem confrontando interesses e que pequenas ou grandes barreiras continuarão sendo erguidas pela ganância, desumanidade, guerras, violência ou mesmo pela ignorância e indiferença. Mas há muito o que aprender, criar e avançar na busca por justiça social. É necessário resgatar o poder transformador que existe em todos nós.

Como diz o Papa Francisco na *Fratelli Tutti*, a cada dia nos é oferecida uma nova oportunidade, uma etapa nova. Não devemos esperar por aqueles que nos governam; isso seria infantil. É nosso dever ocupar um espaço de corresponsabilidade, capaz de iniciar e gerar novos processos e transformações. Sejam parte ativa na reabilitação e apoio das sociedades feridas.

Hoje temos à nossa frente a grande ocasião de expressar o nosso ser irmãos e irmãs, de sermos outros bons samaritanos que tomam sobre si a dor e os fracassos, em vez de fomentar ódios e ressentimentos. Como o viandante ocasional dessa história, precisamos apenas do desejo gratuito, puro e simples de sermos povo, de sermos constantes e incansáveis no compromisso de incluir, integrar e levantar aqueles que estão caídos. Muitas vezes, no entanto, nos vemos imersos e condenados a repetir a lógica dos violentos, daqueles que nutrem ambições apenas para si mesmos, espalhando confusão e mentira.

Deixemos que outros continuem a pensar na política ou na economia para seus jogos de poder. Alimentemo-nos do que é bom e coloquemo-nos a serviço do bem comum. É possível começar por baixo, caso a caso, lutando pelo mais concreto e local, para então expandir até os confins de nossos países e do mundo, com o mesmo cuidado que o caminhante de Samaria teve para com cada chaga do ferido. Procuremos os outros e ocupemo-nos da realidade que nos compete, sem temer a dor nem a impotência, pois é nela que está todo o bem que Deus semeou no coração do ser humano.



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

As dificuldades, que parecem enormes, são oportunidades para crescer, e não há desculpa para a tristeza inerte que favorece a sujeição. Mas não o fazemos sozinhos, individualmente. Fazemos como o samaritano, que procurou um estalajadeiro para cuidar daquela pessoa. Por isso, somos chamados a convidar outros e a nos encontrarmos em um "nós" mais forte do que a soma de pequenas individualidades. Lembremo-nos de que o todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas (*Fratelli Tutti*, 77, 78).

Nesse caminho da construção do "nós", com 43 anos de caminhada dedicados a projetos e processos de transformação social, tentamos estreitar os laços entre o centro e a periferia, construindo pontes que conduzem à cultura do encontro. Fizemos processos individuais e coletivos que se entrelaçam no caminho da mudança. A palavra "incluir" sempre foi a base e a força para lembrar que um coletivo forte não se faz apenas pela comunhão de ideias. Um coletivo forte se faz com ideias e opiniões diferentes, unidas em torno de uma mesma consciência.

E como surge uma consciência solidária e coletiva? Como tudo que frutifica em sementes. Essas sementes são uma consciência solidária, composta pelas mensagens cotidianas emitidas por uma sociedade. Essa consciência começa no papel social do Estado, de seus gestores e instituições; passa pelos educadores, pela cultura empresarial, pelos meios de comunicação, pelas lideranças populares e pelos formadores de opinião em geral. A percepção das ações que tratam a solidariedade como uma questão estratégica e estrutural é a pedagogia mais eficiente para transformar uma consciência na marca de uma sociedade.

Bem, portanto, estão as instituições, os investimentos, as leis e as diretrizes, que têm um poder e um dever essenciais nesse processo. Mas é dentro de cada ser humano que essa consciência precisa se desenvolver. Sinto que a fase adulta da consciência solidária é o movimento: a busca pelo gesto, o encontro com o outro, com uma outra história, é sentir-se parte dela. É nos



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

encharcar da realidade das coisas com um olhar e uma escuta sem preconceitos. Considero esse encharcamento um momento de grande beleza e mística, um momento de presença absoluta, inteira e sagrada no mundo. É nos regar com a humanidade.

Sobre essa mudança interna e seu poder, Gandhi nos ensina: "Se pudéssemos mudar a nós mesmos, as tendências do mundo também mudariam. À medida que um homem muda a sua própria natureza, também a atitude do mundo muda em sua direção. Este é o mistério divino supremo. É uma coisa maravilhosa. É a fonte da felicidade. Não precisamos esperar para ver o que os outros fazem."

Encharcados de outras vidas, a consciência solidária segue crescendo e procura coerência no tecido social, até fixar raízes na responsabilidade e se tornar um compromisso comunitário na construção de uma nova esfera pública não estatal de controle social. Essa nova esfera pública, que funde as pontes para repensar o Estado e a sociedade civil, está embasada num diagnóstico iluminado do Papa Francisco: a crise do comunitário, que ele descreve como uma crise do cuidado, uma crise do amor pela casa comum, pelo seu jardim e por todas as vidas que nele habitam.

Ainda nesse nosso tempo presente, agravado pela pandemia e pela quebra das economias, estão agora escancaradas as nossas fragilidades humanas e ecológicas e, também, o quanto dependemos uns dos outros para viver. Já está claro que o único caminho para o seguimento do que entendemos como humanidade é escolher mais consciência, mais compromisso e mais solidariedade.

Precisamos olhar à nossa volta, com os olhos limpos, enxergar nossos territórios e comunidades empobrecidas e, principalmente, suas crianças, adolescentes e jovens, onde atuamos com a Rede IVG e na África, que somam 5.491 vidas. Elas e eles são sementes poderosas. E, igualmente, tomar consciência das sementes poderosas que somos. Estamos



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

todos aquém de nossas potências transformadoras, potências que, se somadas e misturadas, conseguirão abrir portas para o futuro da civilização. Precisamos inventar novos e enormes regadores para essas sementes e espalhá-los por todos os lugares.

Precisamos reconhecer nossas raízes entrelaçadas entre o centro e a periferia e vice-versa, urgindo as pontes que proporcionam a cultura do encontro. Precisamos desabrochar coletivamente e espalhar o nosso perfume, nossa beleza, nosso encantamento e nossa diversidade. Perceber esses sinais divinos e naturais que anunciam a colheita de verdadeiras mudanças, onde pisam os nossos pés nos territórios, com os projetos educativos e sociais, ensinando a pensar que o ato educativo é um político porque leva ao bem comum, rompendo com a bruteza a partir da beleza.

Essa poética que batizamos, nos tempos de pandemia, de florescer comunitário, continua sendo a nossa evocação, o nosso chamado, a nossa forma de pensar e agir para a justiça social; um método a serviço de cidades e comunidades a partir de uma pedagogia para as escolas, universidades, instituições e empresas dos setores público e privado. Não apenas como um discurso consciente em defesa da solidariedade, mas como uma proposta de vivências, processos e projetos que permeiam o cotidiano, transformam a sociedade e forjam nela uma solidariedade estrutural.

Sem incluir em seus projetos um equilíbrio social e sustentável, as cidades do futuro, ou as cidades criativas, ou as cidades inteligentes, ou as cidades tecnológicas, não passam de devaneios, de ficção científica, fomentando desejos perversos de assepsia urbana.

Com pouco materialmente, mas com uma visão integral dos processos individuais e coletivos voltada para esse florescimento, nós, da Rede IVG e do Instituto Pe. Vilson Groh, ajudamos muitas crianças em áreas empobrecidas a desabrocharem como belíssimas flores em forma de educadores, médicos, artistas, engenheiros e tantos outros saberes que hoje servem às mais



— Instituto —
Pe. Vilson Groh

lindas histórias, que suplicam para serem multiplicadas. Nesse sentido, a presença da Unisul se faz essencial, ampliando ainda mais os espaços de estudo, de pesquisa e de extensão.

Queremos, nesta noite celebrativa, repropor o florescer comunitário como o sol de uma nova realidade a ser construída dentro de cada um e ao redor de todos, começando pelo nosso jardim, pela nossa cidade. Por isso, é hora de levarmos as nossas mãos à terra, jardineiros e jardineiras. A primavera é agora. É tempo de florescer. É tempo de flor. É tempo de ser, onde todos os seres humanos terão direito à terra e à vida e, assim: o direito ao pão é o direito de agora, de amanhã, de cada boca; um direito sagrado e consagrado, porque será o produto da mais longa e dura luta humana.

Como diz Pablo Neruda: *"Não tem asas a vitória terrestre: tem pão sobre seus ombros e voa corajosamente, libertando a terra como uma padaria levada pelo vento."*

E concluo com Paulo Freire, no poema À Sombra da Mangueira: *"Escolhi a sombra desta árvore para repousar do muito que farei, enquanto esperarei por ti. Quem espera na pura espera vive um tempo de espera vã. Por isso, enquanto te espero, trabalharei os campos e conversarei com os homens e mulheres. Suarei meu corpo, que o sol queimará; minhas mãos ficarão calejadas; meus pés aprenderão o mistério dos caminhos; meus ouvidos ouvirão mais; meus olhos verão o que antes não viam, enquanto esperarei por ti. Não te esperarei na pura espera, porque o meu tempo de espera é um tempo de quefazer. Desconfiarei daqueles que virão dizer-me, em voz baixa e precavidos: 'É perigoso agir. É perigoso falar. É perigoso andar. É perigoso esperar, na forma que esperas', porque esses recusam a alegria de tua chegada. Desconfiarei também daqueles que virão dizer-me, com palavras fáceis, que já chegaste, porque esses, ao anunciar-te ingenuamente, antes te denunciam. Esperarei a tua chegada como o jardineiro prepara o jardim para a rosa que se abrirá na primavera."*

Muito obrigado a todos e a todas!